Países do Golfo importam mais alimentos

Movidas pelas receitas do petróleo, as economias dos países do Golfo da Pérsia vêm-se transformando rapidamente, modernizando-se segundo critérios ocidentais na área dos alimentos e montando empresas que reexportam até para a Índia e a Ásia Central.

Os cinco países árabes do Golfo da Pérsia (Barein, Kuweit, Omã, Qatar e União dos Emirados Árabes) notabilizaram-se pela combinação de população crescente, alta renda *per capita*, políticas comerciais liberais e produção agrícola limitada, o que oferece excelentes oportunidades para produtos de alta qualidade — segundo a revista norte-americana *AgExporter*, editada pelo Foreign Agriculture Service, do Departamento de Agricultura dos EUA, USDA,[1] em seu número de março.

A União dos Emirados Árabes responde pela metade das importações do Golfo de produtos de origem agrícola dos EUA, tendo adquirido US$110 milhões em 1994. Compra carnes de aves, nozes em geral, principalmente amêndoas, óleos vegetais, frutas frescas — com destaque para as maçãs — e processadas, verduras e ovos. As vendas norte-americanas deverão aumentar entre 15 e 20% ao ano.

O país é o principal centro de reembarque e distribuição da região, atingindo seus vizinhos, o subcontinente indiano, a África e, cada vez mais, vários países da ex-União Soviética. Sua população é afluente, com renda *per capita* de US$17.900, indústria turística em ascensão (12 novos hotéis cinco estrelas serão inaugurados em breve) e seu setor de alimentos é altamente competitivo, com empresas que se expandem até a Ásia Central, com destaque para o fato de que não há tarifas de importação sobre os alimentos.

O segundo maior mercado importador é o do Kuweit que, no primeiro semestre de 1995, comprou 66% mais alimentos dos EUA do que no mesmo período do ano anterior, despendendo US$33 milhões em trigo, frutas processadas e verduras, óleo de milho e carne de frango. O maior potencial de expansão fica por conta de ovos, queijos, alface fresca, cenouras, maçãs, legumes secos, aperitivos e bebidas. À medida que o país se recupera dos efeitos da guerra e a população aumenta, melhoram as perspectivas das importações. A boa infra-estrutura de estocagem a frio tem levado a maior interesse por frutas e verduras frescas.

No Kuweit, a renda *per capita* é de US$14.500, também não se cobram impostos na importação de alimentos e vêm-se expandindo redes de supermercados ao estilo ocidental, além do novo setor de *fast food*, dominado por franquias norte-americanas. Outro aspecto interessante é que as cooperativas de consumo respondem por algo entre 70 e 80% das vendas totais no varejo.

O terceiro maior mercado importador é o de Barein (US$21 milhões em 1994). Cerca de 40% de suas compras, em 1994, foram de óleo de milho. No primeiro semestre do ano passado, último dado disponível, as importações de alimentos subiram 45% e a liderança na pauta coube à cerveja, seguida pelo óleo de milho e pela carne de frango.

As características locais incluem uma renda *per capita* um pouco mais baixa do que a dos vizinhos anteriormente citados (US$8.400). É um arquipélago de 35 ilhas, primeiro país da região que encontrou e exportou petróleo, mas cujas reservas acabarão provavelmente no ano 2000, o que tem resultado em crise econômica e tensão política. Possui alguma regulamentação sobre as compras de alimentos no exterior e tarifas baixas, de 5%. Poucas grandes empresas controlam as importações, e as principais são igualmente importantes varejistas. Também ali se encontra um número significativo de franquias norte-americanas de *fast food*, com a diferença de que o país abriga uma grande comunidade de norte-americanos.

Os dois menores mercados dos EUA são os de Omã e Qatar, locais onde se verifica maior concorrência de outros países. As vendas norte-americanas são compostas em 70% por matérias-primas para bebidas e carne de frango. Omã é o país mais extenso e menos desenvolvido dos cinco, mas controla o estreito de

[1] O subtítulo de fantasia da revista é *The monthly magazine for food and agriculture exporters* (A revista mensal para os exportadores de alimentos e produtos agrícolas), visando informar aos exportadores possíveis oportunidades comerciais e nichos de mercado.

Ormuz, por onde passam 2/3 do fluxo mundial de petróleo. Em Qatar, os naturais do país são apenas 25% da população, 90% dos quais vivendo na capital. Os dois países estão planejando a diversificação de suas economias, para fazerem face ao esgotamento do petróleo.

Não enfrentam fornecedores estrangeiros de alimentos em nenhum dos países competidores locais, mas há concorrência entre exportadores da União Européia, Austrália, Ásia e, crescentemente, da Arábia Saudita e da África do Sul.

Os principais concorrentes na área de frutas frescas, verduras e legumes e algumas nozes são Irã, Líbano, Jordânia, Índia, Chile e Turquia. No que se refere à avicultura, os maiores competidores dos EUA são o Brasil, Dinamarca e França; nos laticínios são a Nova Zelândia, Holanda, Dinamarca, Austrália e França; em produtos cárneos, Austrália, Índia, Nova Zelândia e vários países europeus.

Produtos de baixa qualidade e preço inferior, originários da Itália, Grécia, Chipre, Malta, Cingapura, Malásia e China, estão ganhando terreno em alguns setores, notadamente frutas enlatadas e verduras.

Os subsídios europeus são outro obstáculo. No entanto, os EUA têm-se socorrido das vendas sob o Export Enhancement Program para frangos inteiros e ovos. Nestes últimos, a presença norte-americana passou de apenas 1%, em 1990, para 30% em 1994. Registre-se que um contêiner leva de 15 a 18 dias para ir da Europa ao Golfo. A partir dos EUA, são necessárias de quatro a cinco semanas, com fretes mais elevados. Além da proximidade, há laços históricos, especialmente com a Grã-Bretanha, de onde provém grande contingente de expatriados que vivem no Golfo. É curioso que subsidiárias de companhias norte-americanas, como a Kraft, Kellog's, Heinz, Campbell's, Del Monte, Sara Lee e California Garden competem ali com suas próprias matrizes.

Em todo o Golfo, o padrão de vida tem melhorado rapidamente, com exposição mais acentuada aos alimentos de tipo ocidental, maior proporção de jovens na população, maior número de mulheres no mercado de trabalho e solteiros. Tudo isso incrementa a demanda de alimentos de conveniência, o que torna mais populares os pratos congelados.

Todos os produtos alimentícios embalados destinados ao Golfo devem apresentar rótulos em árabe. Rotulagem bilíngüe, como árabe/inglês, por exemplo, também é aceitável. De fato, esta última modalidade é recomendada, em razão do grande número de expatriados de língua inglesa que residem nesses países. O texto deve conter o nome do produto e sua marca, país de origem, fabricante, peso líquido, data de fabricação e período de validade, ingredientes e aditivos, se houver. O sistema métrico é obrigatório. Exceto em Barein e Omã, adesivos em árabe são aceitos, desde que contenham todas as informações solicitadas e não contradigam, nem cubram, as informações do rótulo original. Faixas sobrepostas com datas de fabricação e validade não são permitidas. Produtos com validade de seis meses ou mais precisam citar apenas o mês e o ano. Contudo, as exigências quanto à validade permanecem erráticas. Assim, a União dos Emirados Árabes não exige o rótulo em árabe, mas Qatar começou a aplicar severamente esta regra. Em Barein, alimentos "étnicos" e pequenas quantidades de produtos não passam pela exigência.

Os aditivos, corantes e conservantes aprovados pelo Codex Alimentarius são aceitos em todos os países. Nos produtos animais, as gorduras e óleos precisam citar a origem e ter um certificado de sanidade. Carnes de aves e bovina têm de vir acompanhadas de um certificado de abate *halal* (islâmico) emitido por um centro islâmico reconhecido do país de origem. Produtos irradiados são proibidos e a importação de carne suína e derivados de porco é permitida em Barein, Omã e na União dos Emirados Árabes, mas proibida no Kuweit e Qatar. As bebidas alcoólicas têm importações proibidas no Kuweit e restritas nos demais países. Estes as limitam a poucos importadores licenciados e a propaganda é estritamente proibida.

É importante observar que tem aumentado o número de empresas regionais processadoras e empacotadoras, o que assegura boas perspectivas para as importações de produtos intermediários, como óleos vegetais, legumes, adoçantes, amendoins, bases para bebidas e pó para sorvetes. Há uma tendência à valorização de alimentos saudáveis, que já estão disponíveis em locais separados nos supermercados, acompanhando um movimento mundial, igualmente perceptível no Brasil.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA